

ALBERTO TAMER

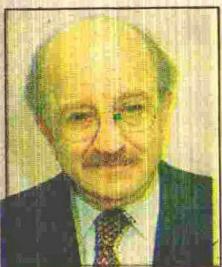
ESTADO DE SÃO PAULO

Brasil só tem um caminho para sair da crise rapidamente

A crise asiática está aí, aprofundando as economias carentes e indefesas que dependem de recursos externos para manter um equilíbrio precário de suas contas. Não adianta inventar histórias ou criar ilusões, contentando-se com alívios passageiros ou sinais esporádicos de melhoria (viva as compras do Natal!), para dizer que tudo acabará bem. O Brasil só tem uma saída para superá-la em 1998: acelerar dramaticamente as privatizações. Sem isso, sua economia continuará sufocada por um crescimento econômico baixo e vivendo nesse clima perigoso de dificuldades cambiais.

Essa é a análise do deputado Roberto Campos (PPB-RJ), o último humanista brasileiro e um dos economistas mais lúcidos do País — que o digam os que discordaram das suas previsões de 20 anos, agora confirmadas, sobre o fim do comunismo e de outras ideologias extravagantes que dominaram por mais de quatro décadas o Brasil e ainda ensaiam resistências.

Para Campos, não devemos contentar-nos com o novo ritmo das privatizações, que ganhou impulso



este ano. "Apesar do aumento da velocidade das privatizações em 1997, ela ainda é lenta e insuficiente, diante do papel que precisa desempenhar para tirar o País da crise", afirma Campos. Os números podem impressionar, mas iludem, porque estão sendo comparados com a velocidade de tartaruga do passado. É preciso mais, muito mais, há ainda, por privatizar, todo o setor de telecomunicação, de petróleo, de gás, de energia elétrica. É por aí que vamos sair da crise, que poderíamos ter evitado se tivéssemos agido antes. Mas, como dizia Samuel Johnson, "nada concentra tanto as mentes quanto a sombra do patibulo".

Mas não seria exagero dizer que só a privatização resolve? As outras soluções, afirma ele, apresentam resultados tardios ou duvidosos. O esforço exportador, num mercado mais competitivo e com um custo Brasil elevado, trará, em 1999, frutos lentos e insuficientes. Somos exportadores preguiçosos. E o ajuste fiscal já está sendo reduzido num ano eleitoral. "Não podemos confiar muito nessas duas armas de defesa."



Campos: privatização é a saída

Tudo o que é preciso

As privatizações, diz Campos, atacam, simultaneamente, todos os pontos que enfraqueceram o Brasil e o jogaram nos braços da crise: 1) trazem alívio fiscal mais rápido, 2) atenuam o déficit da balança de pagamentos, 3) melhoram a eficiência global da economia, 4) reduzem o custo Brasil, criando melhor condição para competir no mercado externo, 5) diminuem a taxa de corrupção.

Para agir rapidamente

O fator mais importante é a rapidez, a resposta imediata, quanto ao ingresso de recursos externos que irão recompor as reservas

25 DEZ 1997

cambiais e o aumento de investimentos no curto prazo. "Elas têm tudo o que precisamos para sair da crise e evitar, ou atenuar, uma estagnação da economia em 1998. É preciso ter coragem para atacar, neste ano eleitoral, a abertura do petróleo e do gás ao capital privado. Agora, não há mais desculpa de que o Congresso atrapalha. O monopólio caiu. O que pode atrapalhar, sim, são as eleições.

■ Crise temporária

Roberto Campos não acredita que estejamos diante do fim do modelo posto em prática, com algumas variantes, pelos países asiáticos com grande êxito até agora. A crise é temporária. Eles têm condições de superá-la, pois a crise decorre mais da má aplicação de empréstimos bancários generosos e mal direcionados, que, na Coréia do Sul, representam 150% do PIB (no Brasil, são 35%).

■ Por que só na Ásia

Um dos motivos para que os EUA estejam sendo menos expostos aos efeitos da crise asiática: suas empresas dependem menos de empréstimos do sistema bancário. Segundo estudo do Banco Mundial, nos EUA esses empréstimos representam 50% do PIB, em comparação com 150% no Japão e 100% na Malásia. Os EUA aprenderam com a crise imobiliária e bancária, na década dos 80.